



# Boletim Diário

Nº 06 16 de novembro de 2025

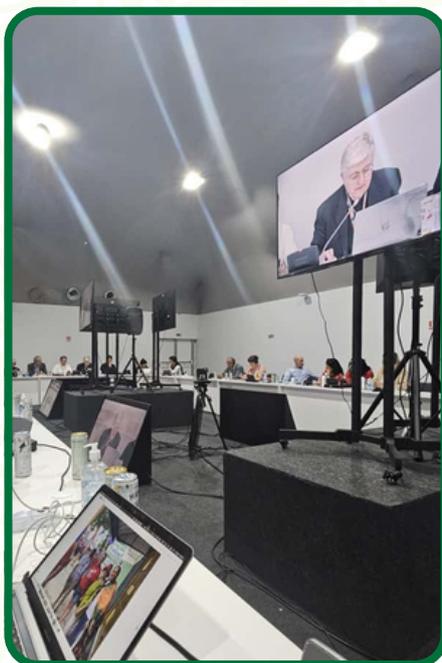
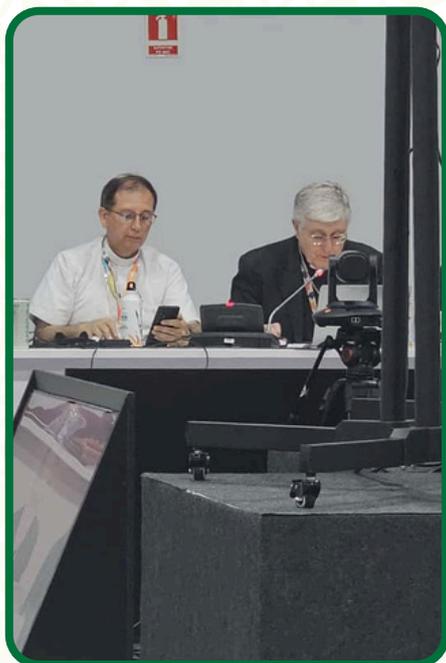
UNITED NATIONS CLIMATE CHANGE CONFERENCE

# COP30 AMAZÔNIA

CUIDAR DO PLANETA PARA O FUTURO DA HUMANIDADE

BELÉM · BRASIL · 2025

## A Segunda Reunião da NCCEA com a Delegação da Santa Sé na COP30



Atores católicos na COP30 reuniram-se para a segunda reunião da NCCEA com a Delegação da Santa Sé na COP30, reafirmando seu compromisso com a ação climática com forte foco em educação, inclusão de gênero e proteção de comunidades vulneráveis. A reunião foi conduzida pelo Arcebispo Giambattista Diquattro, Núncio Apostólico no Brasil e chefe da delegação da Santa Sé, e pelo Dr. Paolo Conversi, recém-nomeado ponto focal nacional.

A Santa Sé enfatizou que a ação climática deve estar enraizada na dignidade humana e na justiça social, com a educação se tornando um pilar central do Programa de Trabalho para a Transição Justa. Os participantes enfatizaram que os estudantes devem aprender em instituições eticamente fundamentadas, inclusivas e ambientalmente responsáveis. Eles também fizeram referência à educação além das salas de aula, mencionando o Pacto Educativo Global do Papa Francisco, que promove uma formação baseada na comunidade e guiada por valores.

Um segundo rascunho da proposta de Transição Justa destacaria cinco áreas-chave, com prioridade para educação, liderança das mulheres e proteção do limite de aquecimento global de 1,5°C. Os palestrantes ressaltaram que o empoderamento das mulheres é inegociável, incentivando a implementação total do Plano de Ação de Gênero, enquanto lembravam a todos a necessidade de reconhecer os desafios sociais e responsabilidades que elas enfrentam.

As discussões também abordaram conversas globais em andamento sobre cancelamento da dívida e a relação entre dívida ecológica e dívida financeira, especialmente para comunidades que sofrem mais com as mudanças climáticas. A delegação lembrou os compromissos climáticos da Cidade do Vaticano, incluindo a meta de redução de 28% das emissões até 2030, e esforços contínuos para alcançar a neutralidade climática.

Para medir o progresso, os membros solicitaram indicadores claros centrados no bem-estar humano, especialmente para povos indígenas, mulheres e outros grupos em situação de risco. Eles pediram o uso responsável da tecnologia e melhores estratégias de comunicação para que as comunidades entendam e possam agir com base nos dados climáticos.

Seis subgrupos temáticos criados anteriormente — Transição Justa, Balanço Global, Educação, Perdas e Danos, Meta Global de Adaptação e Agricultura, Artigo 6 e Financiamento Climático — se reunirão na próxima semana, com o grupo completo voltando a se reunir na quinta-feira, 20 de novembro, para revisar os próximos passos e distribuir responsabilidades de liderança.

Os participantes concordaram que o trabalho futuro deve esclarecer:

- o estado das negociações sobre alívio da dívida
- um roteiro educacional completo incluindo pilares formais, informais e comunitários
- um sistema justo de relatório e comunicação utilizando tecnologia ética

A delegação da Santa Sé reafirmou que sua missão permanece enraizada nos direitos humanos, na responsabilidade moral e no cuidado com nossa casa comum, comprometendo-se a avançar do diálogo para a ação concreta.



# Cúpula do Clima entra em uma Segunda Semana Decisiva enquanto Crescem Tensões sobre o Progresso Lento

A primeira semana da conferência climática da ONU terminou com crescente frustração, pois os países não chegaram a um acordo sobre várias questões cruciais, levando muitos delegados a alertarem que o tempo está acabando para evitar mudanças climáticas catastróficas.

## Uma Nova Estratégia para Quebrar o Impasse

O Presidente da Conferência, André Corrêa do Lago, anunciou uma abordagem reestruturada para a segunda semana, organizando as negociações em três trilhas paralelas:

1. Conversas políticas de alto nível onde ministros abordam os maiores pontos de discordância
2. Discussões técnicas onde especialistas finalizam a linguagem detalhada e o texto jurídico
3. Consultas lideradas pela Presidência para ajudar a construir pontes entre posições opostas. Uma sessão especial intensiva de negociação — chamada de "Mutirão" (um termo brasileiro que significa esforço coletivo) — reunirá ministros e chefes de delegação no início da segunda semana para tentar destravar questões paralisadas.

## As Principais Batalhas em Curso:

### ▪ Redução de Emissões (Mitigação)

Os países estão profundamente divididos sobre a rapidez com que as emissões de gases de efeito estufa devem cair e sobre o nível de ambição dos planos climáticos nacionais. Pequenos estados insulares e países africanos pressionam por compromissos mais fortes para manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C, limite crítico apontado pelos cientistas para evitar os piores impactos climáticos.

Muitos países vulneráveis querem planos mais claros para eliminar gradativamente os combustíveis fósseis e acabar com subsídios prejudiciais ao carvão, petróleo e gás. No entanto, algumas grandes economias resistem a uma linguagem que aponte diretamente setores específicos de energia.

### ▪ Balanço Global (GST)

O GST pode ser visto como o "boletim climático" do mundo — uma revisão para avaliar se os países estão fazendo o suficiente de acordo com a ciência mais recente. A questão agora é: o que fazer com esses resultados?

A União Europeia, países insulares e muitos países em desenvolvimento querem que os resultados do balanço orientem diretamente planos nacionais mais fortes e criem compromissos vinculativos para ações mais rápidas. Outros preferem uma linguagem mais flexível e voluntária que ofereça maior liberdade aos países.

### ▪ **Transição Justa**

Os negociadores tentam determinar como fazer a transição para energia mais limpa e economias verdes sem deixar para trás trabalhadores, comunidades e países mais pobres. Isso significa mais do que fechar minas de carvão ou interromper a produção de petróleo — exige programas de requalificação profissional, novas oportunidades de emprego e apoio às comunidades afetadas.

Os países em desenvolvimento destacam que planos de transição justa são inúteis sem apoio financeiro real, transferência de tecnologia e construção de capacidades. Eles pedem garantias de que não enfrentarão novas regras ambientais sem recursos para cumpri-las.

### ▪ **Financiamento Climático: o Maior Ponto de Controvérsia**

O dinheiro continua sendo a questão mais sensível. Países em desenvolvimento afirmam que não podem reduzir emissões, adaptar-se a impactos climáticos ou se recuperar de desastres sem apoio financeiro confiável e previsível dos países ricos — historicamente responsáveis pela maior parte das emissões.

A frustração atingiu o pico quando uma grande conferência de financiamentos prometidos para o Fundo Global para o Meio Ambiente foi cancelada devido à falta de interesse dos países doadores. Isso levantou sérias dúvidas sobre o compromisso real dos países ricos.

Os países exigem:

- Triplicar o financiamento para adaptação a fim de preparar comunidades para secas, enchentes e tempestades cada vez piores
- Facilitar o acesso aos fundos climáticos, especialmente para os países mais pobres
- Opções de alívio da dívida, evitando que países tenham de escolher entre pagar empréstimos ou agir pelo clima
- Maior transparência sobre quem está contribuindo e quanto
- Um sistema financeiro global mais justo que direcione recursos de indústrias poluentes para soluções climáticas

Palestrantes em um evento financeiro de alto nível enfatizaram que o dinheiro existe — ele só precisa ser realocado de atividades que prejudicam o planeta para atividades que o protegem.

### ▪ **Tecnologia e Pesquisa**

As discussões para ajudar países em desenvolvimento a acessarem tecnologias sustentáveis — como sistemas de energia renovável, ferramentas de alerta precoce para eventos climáticos extremos e cultivos resistentes à seca — estagnaram completamente. Essas discussões continuarão no próximo ano, levantando preocupações graves sobre atrasos nas soluções necessárias para comunidades vulneráveis.

Enquanto isso, muitos países expressaram decepção pelo fato de que alertas científicos recentes e eventos climáticos extremos recordes não foram adequadamente reconhecidos nos textos de negociação. Argumentam que a ciência é clara e urgente, mas a política está avançando lentamente.

#### ▪ Igualdade de Gênero

As negociações sobre gênero continuam sem resolução, com alguns países alertando contra o enfraquecimento de compromissos anteriores relacionados à liderança das mulheres e participação igualitária nas decisões e ações climáticas. O debate representa tensões maiores sobre fortalecer ou retroceder acordos já estabelecidos.

### O que os Países Vulneráveis Estão Exigindo

Os países mais vulneráveis — incluindo pequenos estados insulares, países menos desenvolvidos e nações africanas — estão unidos em várias demandas-chave:

- **Metas mais fortes de redução de emissões** até 2030 para países ricos e grandes emissores
- Um **roteiro concreto** para acabar com o desmatamento até 2030
- Apoio real para implementação — **não apenas promessas no papel**
- **Reconhecimento da urgência** — os impactos climáticos estão acontecendo agora, não apenas no futuro
- **Justiça financeira** — reconhecendo que aqueles que menos contribuíram para o problema são os que mais precisam de apoio

### O Caminho Adiante

À medida que as negociações entram em uma segunda semana crucial, o clima permanece tenso, mas determinado. Especialistas técnicos trabalharão para finalizar rascunhos de acordos enquanto ministros buscarão compromissos políticos.

O Chefe da ONU para o Clima, Simon Stiell, pediu criatividade e flexibilidade:

"Encontrem-se nos corredores. Reúnam-se informalmente. Estejam dispostos a ceder um pouco para ganhar muito."

Sua mensagem foi clara: a situação é séria demais para continuar com a mesma abordagem de sempre. Vidas, comunidades e futuros dependem das decisões tomadas nestas salas.

Agora, a questão é se os países conseguirão ir além da defesa rígida de suas posições e encontrar um caminho comum — e se o mundo receberá a ação climática ambiciosa que necessita urgentemente, ou apenas mais uma rodada de promessas vagas.

**O mundo observa** — e espera ação, não apenas palavras.

# Negociadores Climáticos Fazem Algum Progresso em Agricultura e Segurança Alimentar, mas Ainda Há Trabalho a Ser Feito

Os negociadores discutiram como conectar de forma mais eficaz a ação climática com agricultura e segurança alimentar — uma preocupação central para milhões de pessoas ao redor do mundo. Segundo o relatório da sessão, houve algum progresso, mas as discussões não foram concluídas e mais tempo será necessário.

Os delegados revisaram os resultados do primeiro workshop realizado sob o Trabalho Conjunto de Sharm el-Sheikh, que concentra-se em agricultura sustentável e formas de garantir sistemas alimentares — da produção ao mercado — protegendo as pessoas contra a fome e choques climáticos. O workshop destacou a necessidade de abordagens holísticas e coordenadas, o que significa que políticas agrícolas, climáticas, cadeias alimentares e planos de desenvolvimento nacional devem ser integrados e não tratados separadamente.

Os negociadores concordaram que a cooperação entre países é essencial para enfrentar ameaças climáticas como secas, enchentes, pragas e aumento dos preços alimentares. Eles reafirmaram que agricultura e sistemas alimentares precisam estar no centro da ação climática, não afastados nem adiados.

Como as discussões não foram concluídas, os governos continuarão o debate em junho de 2026, durante a SB 64, utilizando o texto atual como base.



# DEBATE SOBRE CIÊNCIA DO CLIMA AQUECE NA COP30

As negociações sobre pesquisa e observação científica terminaram com frustração, pois diversos países se opuseram ao texto final por não reconhecer explicitamente o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) como a fonte global mais confiável de ciência climática. Bangladesh, Austrália, Canadá, Nova Zelândia e Reino Unido alertaram que enfraquecer referências científicas prejudica a verdade, a urgência e as tomadas de decisão informadas, especialmente em uma conferência descrita pelos líderes como a “COP da verdade”. Enquanto isso, o Grupo Árabe destacou que ciência sólida deve vir acompanhada de financiamento climático concreto, lembrando aos negociadores que países em desenvolvimento não podem agir sem apoio



## SESSÃO PLENÁRIA DE AVALIAÇÃO



Ao final da primeira semana da COP, a sessão plenária avaliou o andamento e definiu o caminho para a segunda semana. O Presidente da COP30 relatou que as consultas sobre comércio, financiamento climático, manutenção da meta de 1,5°C e relatórios de emissões foram produtivas e cheias de novas ideias. Uma nota de resumo será publicada para orientar a próxima etapa das negociações, e uma reunião ministerial de alto nível será realizada no início da próxima semana para buscar alinhamentos políticos e incentivar convergência. Devido ao tempo limitado, não foram permitidas declarações nacionais, e a mensagem atual é de mudança do modo discursivo para o modo de negociação real.

# Milhares Tomam as Ruas de Belém: Sociedade Civil Exige Ação Climática Real

Pela primeira vez desde 2020, ativistas climáticos puderam marchar fora de uma conferência climática da ONU no sábado, 15 de novembro, quando milhares ocuparam as ruas de Belém exigindo que líderes mundiais avancem além de negociações em direção a ações reais por justiça climática e direitos territoriais.

A “Grande Marcha Popular” marca um momento significativo: as três últimas conferências do clima — no Egito (COP27), nos Emirados Árabes Unidos (COP28) e no Azerbaijão (COP29) — proibiram qualquer tipo de protesto público. Governos anfitriões autoritários silenciaram vozes da sociedade civil exatamente quando elas mais precisavam ser ouvidas. A manifestação de sábado foi mais que um protesto — foi uma retomada de espaço por aqueles mais atingidos pelas mudanças climáticas e menos representados nas salas de negociação.

Durante toda a primeira semana da COP30, povos indígenas lideraram as ações mais emblemáticas: uma flotilha navegando pelo Rio Amazonas na quarta-feira, um bloqueio no centro de conferências na sexta-feira e a grande marcha no sábado.



## O que a Sociedade Civil Exige

Além da manifestação, a marcha apresentou demandas concretas:

- Proteção territorial genuína — direitos indígenas sobre a terra são ação climática
  - Justiça climática, não capitalismo climático — não a falsas soluções nem greenwashing
  - Fim da expansão de combustíveis fósseis — nenhum novo projeto de carvão, petróleo ou gás
  - Responsabilização dos líderes — alinhar discurso e prática
  - Justiça interseccional — justiça climática, racial, econômica e territorial são inseparáveis
- Após quatro anos de proibição, o retorno da sociedade civil às ruas envia uma mensagem poderosa aos negociadores entrando na segunda semana decisiva da COP30: comunidades não aceitarão outra rodada de promessas quebradas.

A marcha não foi apenas um protesto — foi uma declaração de que, enquanto governos debatem, comunidades já protegem florestas, defendem territórios e constroem soluções reais.

Uma faixa expressou isso de forma perfeita: "A floresta não é negociável. Nosso futuro não é negociável. Ajamos agora."

Agora, a questão é se os líderes dentro da conferência corresponderão à coragem e urgência daqueles do lado de fora — ou se mais uma vez caberá à sociedade civil realizar o verdadeiro trabalho da ação climática enquanto governos apenas discursam.



Com a atual presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), **Irmã Maria do Disterro Rocha Santos**, da Congregação das Filhas do Imaculado Coração de Maria (Cordimarianas), na marcha.

